

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE DESPORTOS - CDS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura

THAYNÃ ROBERTA ARAUJO BISPO DOS SANTOS

POSSIBILIDADES DO ENSINO DA DANÇA NA ESCOLA

FLORIANÓPOLIS
2019

THAYNÃ ROBERTA ARAUJO BISPO DOS SANTOS

POSSIBILIDADES DO ENSINO DA DANÇA NA ESCOLA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Seminário de Conclusão de Curso II como requisito para a obtenção do grau de Licenciada no curso de graduação em Educação Física. Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Luciana Fiamoncini

FLORIANÓPOLIS
2019

Termo de Aprovação

A Comissão Examinadora (Banca), abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia),

Título: POSSIBILIDADES DO ENSINO DA DANÇA NA ESCOLA

Elaborada por

THAYNÃ ROBERTA ARAUJO BISPO DOS SANTOS

Como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Banca Examinadora:



Orientadora – Prof^ª. Dr^ª. Luciana Fiamoncini - UFSC

Membro: Prof. Dr. Carlos Luiz Cardoso - UFSC

Membro: Mestranda Giovana Rastelli – PPGEF/ UFSC

Florianópolis

2019

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal investigar as possibilidades do ensino da dança em escolas públicas de Santo Amaro da Imperatriz/SC. Foram aplicados e analisados cinco questionários semiestruturados respondidos por professores que trabalham em escolas públicas de Santo Amaro da Imperatriz. A partir do questionário podem-se ver apontamentos de possibilidades e limitações sobre o ensino da dança como conteúdo nas aulas de Educação Física. A presente pesquisa de caráter qualitativa exploratória, abordou possibilidades da dança no cotidiano escolar das aulas de Educação Física. Foram levantadas discussões sobre a percepção dos professores quanto ao ensinamento da dança e sobre quais poderiam ser as mudanças para que o conteúdo estivesse de fato inserido nas aulas. Levando em consideração as discussões entende-se que existem diversas causas para a pouca ou a não abordagem do tema em sala de aula. Apesar dessas limitações é necessário ressaltar que é papel do professor levar esse tema aos alunos de forma criativa e adaptada às condições que se encontram os espaços e/ou materiais disponíveis para utilização do ensino da dança.

Palavras-chaves: Educação Física, Dança, Limites e possibilidades.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
1.1 Caracterização da pesquisa	7
1.2 Sujeitos da pesquisa	8
1.3 Campo de pesquisa	8
1.4 Instrumento de pesquisa	8
1.5 Procedimentos para a coleta de dados	9
2 BASE TEÓRICA	10
2.1 Dança na escola	10
2.2 Dança na Educação Física escolar	14
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
3.1 Limites do ensino da dança	18
3.2 Possibilidades de o ensino da dança	21
3.3 Percepção dos professores sobre a dança	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICE	31

1 INTRODUÇÃO

A dança é um modo de expressão do ser humano, podendo manifestar-se de forma cultural e artística, é também cultura de movimento e, por isso, conteúdo a ser trabalhado na Educação Física escolar. Na dança, o movimento corporal envolve sentimentos, onde a criança expressa emoções através de combinação de movimentos, de acordo com um ritmo que a envolve, e assim, podendo expressar o que sente e como se sente. O modo como a dança é inserida na vida da criança pode ser muito abrangente, com inúmeras possibilidades como: individualmente, em grupos ou duplas, influenciando também o aspecto social, podendo ser trabalhada em variados ambientes, externos e internos.

Quando a dança é inserida na escola como conteúdo da Educação Física escolar possibilita diversos ensinamentos, baseados, por exemplo, na grande diversidade cultural do país, que poderá ser representada pelas expressões, pelos movimentos corporais através da dança.

A dança trabalhada de forma educacional, não tem o objetivo de formar bailarinos profissionais ou tornar uma modalidade, mas sim dar à criança a oportunidade de ter um contato de maior intimidade com o próprio corpo e com os cuidados e instruções necessárias através de uma modalidade que possibilita expressar emoções através do movimento como afirma Malmann e Barreto (2012).

Partindo do pressuposto que a dança é pouco trabalhada na escola, conforme Strazzacappa (2001), Silva (2010), Saraiva-Kunz (2003), gerou-se a seguinte questão problema: quais as possibilidades educacionais do ensino da dança enquanto conteúdo da Educação Física na escola?

Objetivo Geral

- Investigar os aspectos que envolvem o ensino da dança no ensino fundamental de escolas públicas de Santo Amaro da Imperatriz/SC.

Objetivos Específicos

- Identificar possibilidades e limites do ensino da dança no ambiente escolar nas aulas de Educação Física;
- Conhecer a percepção de professores sobre as possibilidades do ensino da dança na escola.

Esse estudo se justifica de forma pessoal quando aos dois anos de idade fui incentivada pela minha mãe a praticar balé e entrar em uma escola de dança em um bairro próximo à minha casa em Nilópolis – RJ. Com oito anos me mudei para Natal – RN e ingressei na companhia de dança do Teatro Alberto Maranhão. Participei de diversas apresentações por todo o estado, tive a oportunidade de conhecer grandes dançarinos e companhias por onde passei.

Em 2006 pude perceber como a dança é um elemento forte na cultura nordestina. Interessava-me conhecer e vivenciar um pouco do que estava ali em meu dia a dia. Entrei em uma escola de dança de forró próximo onde eu residia, na escola onde eu estudava a qualquer momento era uma oportunidade de dançar, tanto para os alunos quanto para os professores. Ali percebi como eu estava restrita a um tipo de dança que era o balé.

Me mudei para Santa Catarina em 2009 e notei uma grande diferença de hábitos culturais, pois no Nordeste a dança é abordada e apresentada em qualquer lugar, sem restrições, seja na rua, na escola, em grupos, e mesmo como simples comemorações em fundos de quintais. Assim, pude perceber que a relação com a dança é outra, não tem a mesma intensidade, as pessoas não dançam na rua, na escola a dança não é tão abordada, em festas privadas são poucas pessoas que se expressam corporalmente de forma livre, sem medo e sem a vergonha de ser um corpo livre para dançar.

Em 2014 ingressei na faculdade de Educação Física e passei por algumas disciplinas ao longo do curso, mas no segundo semestre de 2017 fiz meu estágio obrigatório em uma escola na região de Florianópolis. Dentro dessa escola, eu e minha parceira de estágio tivemos a oportunidade de poder trazer para as salas de aula a dança, que foi nosso tema abordado. Durante esse estágio percebi a necessidade da dança ter um espaço dentro da escola. Quando me refiro ao espaço, trato dele tanto em espaço físico para que as aulas possam de fato ocorrer, quanto como um conteúdo a ser desenvolvido na Educação Física.

Dentro das diferentes possibilidades de trabalho com a cultura de movimento na Educação Física, o que tem prevalecido são os esportes. Então, vi a importância de incluir a

dança como um conteúdo a ser ensinado dentro da escola, já que a realidade da Educação Física se encontra limitada por determinados conteúdos.

A Educação Física escolar vem tratando os conteúdos esportivos cada vez com mais intensidade, mesmo os professores recém-formados que passaram por diversas experiências dentro da universidade acabam se rendendo aos esportes conhecidos como “quarteto fantástico” que são: o futebol, voleibol, basquetebol e handebol.

A Educação desempenha um papel primordial no desenvolvimento integral da criança. Lugar onde se oportunizam situações desafiadoras, as quais permitem que as crianças possam encontrar respostas por si mesmas, para suas indagações, tornando-se pessoas autônomas e críticas. A dança tem uma função pedagógica específica na educação que se traduz na criação de movimentos organizados e criativos, favorecendo a formação de sujeitos receptivos, expressivos e criativos. Pode viabilizar, igualmente, a imersão em universos culturais distintos através de diferentes vivências corporais.

A partir dessas considerações iniciais, esse estudo foi delimitado no que se refere ao estudo da dança no ambiente escolar pautado em questionar os professores de Educação Física de duas escolas públicas de Santo Amaro da Imperatriz/SC, sobre as possibilidades e limites do ensino da dança na Educação Física escolar.

1.1 Caracterização da Pesquisa

Nessa pesquisa, buscamos conhecer mais sobre o ensino da dança na escola, para além de se familiarizar com os autores que discutem o tema, também aproximar-se do campo de atuação escolar. Por isso essa pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório.

O objetivo de uma pesquisa exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado. Ao final de uma pesquisa exploratória, você conhecerá mais sobre aquele assunto, e estará apto a construir hipóteses. Como qualquer exploração, a pesquisa exploratória depende da intuição do explorador (nesse caso, da intuição do pesquisador) (SANTOS, 2016, p. 01).

O estudo é de natureza exploratória, pois tem o intuito de aproximar e conhecer melhor o tema de pesquisa, sendo um método de investigação, que possibilita confirmar ou não ideias já existentes, possibilitando novas análises. Caracteriza-se também de corte transversal tendo em vista ser avaliados em um momento único.

1.2 Sujeitos da pesquisa

A população da pesquisa foi composta por cinco professores de Educação Física de duas escolas de ensino público em Santo Amaro da Imperatriz, que lecionem diretamente na escola do presente estudo, com no mínimo quatro anos de experiência pedagógica. A escola A possui 478 alunos atendendo em dois turnos (matutino e vespertino), desde o ensino fundamental até ensino médio. Já a escola B possui 375 alunos funcionando em três turnos (matutino, vespertino e noturno).

O estudo foi composto por cinco professores (as), sendo dois do sexo masculino e três do sexo feminino que concordaram em responder um questionário pré-elaborado de acordo com questões pertinentes à pesquisa.

1.3 Campo de pesquisa

A pesquisa ocorreu dentro do espaço escolar, mais precisamente na sala da secretaria da escola, para que os professores conseguissem responder o questionário sem interrupções. A escola A, tem 54 anos de existência e atualmente conta com três professores de Educação Física, está situada no Bairro Sul do Rio em Santo Amaro da Imperatriz. Já a escola B, conta com três professores de Educação Física e está situada no centro da cidade de Santo Amaro da Imperatriz.

1.4 Instrumento de pesquisa

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário específico, semiaberto, com quinze perguntas objetivas e discursivas. Além do questionário foi realizada uma conversa inicial com os professores, onde pode se obter algumas informações que utilizamos como complemento ao questionário.

1.5 Procedimentos para a coleta de dados

A primeira ação foi visitar a escola e apresentar a pesquisa e seu tema. Solicitar autorização da equipe diretora, para que fosse possível a entrada para contato com os professores. Após isso, a apresentação ocorreu com cada professor de forma individual e a aplicação do questionário foi efetuada.

O questionário foi aplicado em um lugar reservado, porém não houve problemas com barulhos ou interrupções que pudessem atrapalhar. A escola A possui um total de três professores de Educação Física, porém apenas dois se disponibilizaram a responder o questionário e os mesmos responderam no local. Já a escola B possui três professores para os três turnos, uma das professoras respondeu o questionário na secretaria junto a mim e dois dos professores responderam em casa e me encaminharam o questionário respondido por E-mail.

Os dados foram analisados de forma descritiva, retratando as respostas dos questionários. As análises e reflexões partiram da interpretação, da compreensão e da organização das respostas dos professores ao questionário. Na sequência, foram identificados alguns pontos significativos à pesquisa, para assim poder agrupá-los e, a partir dos quais desenvolver possíveis reflexões sobre o tema na tentativa de sua melhor compreensão.

2 BASE TEÓRICA

2.1 Dança na Escola

Todo debate sobre a questão da dança na educação é, ao fim, um debate sobre a educação em si. A preocupação com uma educação de qualidade que permita extrair o máximo e o melhor do estudante, sem colocá-lo em um local onde sintam-se diminuído ou excluído, perpassa por todos que se colocam discutir um assunto tão delicado quanto a educação. Delicado, pois, ao olharmos os diversos problemas enfrentados por esse campo, encontraremos, quase sempre, os entraves políticos que atravessam a vida da educação pública no Brasil. A inserção da dança propicia ao aluno uma extensa consciência corporal em conexão com o mundo e os aprendizados que progridem com a prática da dança, pois desenvolvem interação, criatividade, expressão de sentimentos, ampliação de repertório de movimentos, etc. (PEREIRA E HUNGER, 2006). Além de proporcionar ao estudante toda esta extensão, proporciona, também, ao professor e aos pesquisadores do tema um grande debate sobre a qual seu lugar na educação.

Mas afinal o que é a dança na escola? Área de conhecimento? Recurso educacional? Exercício Físico? Terapia? Catarse? Quem estaria habilitado a ensinar dança? O bacharel em dança, ou este bacharel deveria, necessariamente, ter cursado licenciatura? O licenciado em Arte estaria habilitado em ensinar dança nas escolas? E o licenciado em Educação Física? As pedagogas estariam aptas a trabalhar esta disciplina na Educação Infantil e no Ensino Fundamental? Enfim, que nome daríamos à ‘dança na escola’? Expressão Corporal? Dança Educativa? Ou tantos outros que escutamos por aí? Independente deste campo minado que, infelizmente vem se formando ao longo dos anos entre profissionais que se consideram habilitados em ensinar dança, acima de tudo, é a pluralidade que tem marcado as atividades da dança e ensino no país (MARQUES, 2012, p. 4).

Toda essa pluralidade, segundo Marques (2012), marca a possibilidade de convivências que permitem ao aluno o acesso ao plural, logo, o acesso à tolerância, ao respeito, ao entender o diferente e às multiplicidades que se apresentam na vida, que caracterizam o mundo contemporâneo, que nos faz lançar um olhar mais crítico sobre a relevância da dança na escola e na formação do estudante. A defesa desta questão está diretamente ligada com a nossa capacidade de formação de toda uma geração. Não é um debate figurativo e, sim, importante. Os benefícios gerados pela prática da dança são tantos, que se podem ser tanto sociais, culturais, emocionais, cognitivos como motores, capazes de

favorecer à conscientização do próprio corpo e formando um cidadão crítico, autônomo, consciente dos próprios deveres e direitos, conforme afirma Silva et al. (2012).

Segundo Marques (2012) desde a década de 80 abre-se um debate no Brasil sobre a ampliação da compreensão do que seria a arte nas escolas, ligando essa ampliação a entender que a arte não seria somente um sentido parecido ao fazer, mas também ler e compreender o sentido de trabalhos artísticos. Tal perspectiva sobre a arte nos permite ampliar a discussão para além de um olhar em que a arte é apenas a reprodução ou a “ordem” dos passos combinados, das regras impostas, mas algo que nos permite interpretar o mundo e, com isso, também, nos transbordar de perspectivas possíveis deste mundo. É algo profundo que, ligado ao processo educacional, permite ao educador proporcionar ao seu aluno uma experiência de expansão de si, dentro de si mesmo, pois trabalha, essencialmente, com seu próprio corpo. O corpo que muitas vezes pode vir a se tornar uma prisão, torna-se uma forma de expressão do que se é, pensa e sente. E para isso, a formação continuada dos professores é de suma relevância. Nesse sentido, Marques (2012), aponta que

Este é o verdadeiro papel da escola: integrar o conhecimento de fazer dança ao pensá-la na vida em sociedade. É imprescindível que nos preocupemos, atualmente, com a formação e a educação continuada de nossos professores nesta área específica do conhecimento, para que as aulas de dança nas escolas não sejam meras repetições das danças encontradas na mídia ou dos repertórios já conhecidos de nossa tradição (a dança de passos) (p. 5).

Pereira e Hunger (2006) afirmam que dentro do âmbito escolar, o ensino da dança utiliza de uma técnica robusta, de criatividade, permitindo, assim, aluno e professor como dois protagonistas ativos e motivadores da própria aula. É de grande relevância que, no caso do professor, o planejamento aconteça, podendo inclusive, compartilhar com o aluno a construção do mesmo num processo avançado de pensamento conjunto à aula visando sempre um objetivo que acabe sendo alcançado na aula com estratégias diversas que relacione as diferentes disciplinas concomitantemente, ressaltando assim a individualidade e particularidade de cada aluno e, de modo geral, fazendo com que compreendam suas próprias limitações sem que as mesmas sejam um fator limitador ao seu desenvolvimento, mas, parte dele.

A dança na educação é formativa e pode disponibilizar a interação social, ampliando a compreensão da convivência coletiva, da importância da cooperação, do respeito, da

convivência, e ainda, a dança possibilita o desenvolvimento do aspecto lúdico por meio de atividades que incentivem a criatividade. Nesse sentido,

A dança tem uma função importantíssima na educação do ser humano comprometido com a realidade, pois possibilita diferentes leituras de mundo. Das manifestações populares à dança contemporânea, a dança na escola deve ser capaz de possibilitar ao aluno conhecer-se, conhecer os outros e inserir-se no mundo de modo comprometido e crítico (MARQUES, 2012, p. 5-6).

Esta perspectiva de formação comprometida e crítica, passa, também, segundo essa mesma autora, pelo processo principal de uma formação profunda dos próprios educadores que precisam, assim, desconstruir processos dados.

É também um olhar crítico do educador para o próprio educador, pois, segundo Porpino (2012) a dança, enquanto conteúdo, teve seu processo balizador na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 1996 e, em seguida, em 1997 com os Parâmetros Curriculares Nacionais que permitiram a dança ser entendida como um conteúdo. Presente como manifestação cultural popular no Brasil, a dança faz parte, também, de nossa formação cultural enquanto nação. Esta questão coloca a importância histórica do desafio de passar adiante nossa própria formação cultural entendendo que, o espaço da escola é um possível espaço para o ensino da dança, mas não é o único. O que nos leva a pensar que o contato e aprendizado da dança pode se dar em diferentes espaços além da escola, quando no convívio com a comunidade e seus diferentes grupos, conectando, assim, espaços diferentes em um mesmo processo. Pois,

É preciso reconhecer que, apesar do aprendizado da dança na escola ter suas especificidades, esse não é o único espaço social onde a dança se faz presente. Portanto, é necessário entender o que caracteriza essa especificidade sem, no entanto, perder de vista o diálogo entre escola e outros espaços sociais que os alunos vivenciam o dançar. Ou melhor, essa compreensão é imprescindível para que a dança na escola tenha reconhecimento como conteúdo. (...) A dança se faz presente no currículo por ser um conhecimento produzido pelos indivíduos em várias culturas e é justamente por ser uma manifestação cultural significativa que se justifica como conteúdo (PORPINO, 2012, p. 10).

Essa diversidade permite, inclusive, que a própria aula de dança faça muito mais sentido ao aluno como também um produtor do conteúdo a ser assimilado. Porpino (2006) afirma que o processo de aprendizado do movimento da dança não se faz somente pela

imitação do gesto dançante ou pelo aprendizado de uma forma específica de dançar - aqui nos deparamos com a discussão da ordem - pois há várias formas, do próprio dançar. Este raciocínio pode ser completo pela afirmação de Marques (2012) que os diferentes repertórios de dança são como os livros, pois precisamos destas diversidades para a própria fruição da arte. Esta fruição passa pelo amplo universo no qual a dança se insere. No caso, como arte, ao compor um processo de escolha de passos, movimentos, o artista da dança deve levar em conta a sua compreensão do espaço, do seu corpo, da música (MARQUES, 2012). É um processo de interpretação da própria linguagem a ser usada. Segundo Marques, é aqui que entramos em outro debate importante no processo de ensino, que é a dança entendida como linguagem.

É importante que o ensino da dança nas escolas seja focado nos processos de ensino e aprendizagem da linguagem, pois a dança não é só repertório, é, sobretudo, linguagem artística (...) A linguagem, por definição, é *'um sistema de signos que permite a produção de significados'* (...) Os signos produzem diferentes significados, pois cada ser humano atribui um ou mais sentidos além do sentido convencional (MARQUES, 2012, p. 20).

Nessa perspectiva, a dança assume o sentido de quem cria e se expressa por seus próprios movimentos um determinado tema ou ideia. Desse modo, o aluno pode ampliar sua perspectiva em relação à linguagem por meio da dança. Pois ao realizar uma dança, pode ser atribuída à ela um significado diferente conforme quem dança e/ou quem a aprecia.

O ensino da dança na escola está ligado ao processo de formação social, pois coloca em perspectiva a formação, no ensino básico, de percepção de um mundo baseado em uma perspectiva mais democrática. Nessa direção do que foi discutido aqui, a mesma não deve ser negligenciada na escola, apesar das dificuldades encontradas para seu desenvolvimento, apesar de questões enfrentadas como as construções de gêneros, resultado da construção social de uma sociedade que se baseia em uma concepção patriarcal/machista que coloca limitações à própria liberdade do indivíduo. Ou seja, a discussão da dança enquanto conteúdo na escolar é também o caminho de reflexão individual e social.

2.2 Dança na Educação Física Escolar

No processo de formação dos conteúdos e currículos escolares básicos, a Educação Física, e sua grande abrangência de conteúdos, encontram-se presentes nestes mesmos currículos e conteúdos escolares. Como tal, fazem parte de uma formação, básica, do estudante do ensino básico, fundamental e médio.

Atualmente existem práticas que acabam auxiliando e contribuindo no processo formador humano no contexto da Educação Física escolar. A dança, como parte deste processo, contribui para o conjunto da constituição da formação e entendimento do outro diante de si mesmo. Ou seja, o corpo e toda sua gama de possibilidades de processos de expressões, quando encontra, desde o ensino mais básico, o ensinamento da dança como parte do seu processo formador, consegue entender de outra forma o próprio poder do corpo e sua capacidade de comunicação não verbal, e da formação da própria liberdade individual. O ensinamento da dança, de certa forma, é, também, o ensinamento de nosso próprio processo histórico enquanto humanidade. Pois,

a dança é considerada uma das primeiras manifestações artísticas do ser humano. Como mostram os desenhos rupestres, o homem primitivo já dançava, expressando pelo movimento corporal seus medos e seus louvores (STRAZZACAPPA, 2001. p. 40).

A abordagem da discussão da dança como um conteúdo da Educação Física, encontra, várias vezes, alguns entraves, entre eles, o grande enfoque na escola do que chamamos de “quarteto fantástico” composto por: futebol, voleibol, handebol e basquetebol.

Betti (1999) afirma que nos currículos de formação dos professores de Educação Física a dança é um conteúdo componente como, também, atividades expressivas, judô, ginástica entre outras. Mas entre o processo de formação deste professor e o conjunto de aplicação prática dentro do âmbito escolar há uma grande diferença. Quando olhamos a escola, no seu dia a dia, com todas suas limitações, deparamo-nos com a pouca presença destes conteúdos - entre eles a dança - e a expressiva aplicação do “quarteto fantástico”.

Para Strazzacappa (2001) a dança é uma forma de expressão artística, resultado da necessidade humana de expressão e comunicação. Assim como alguns encontram esta expressão e comunicação na música, teatro ou poesia, alguns encontram esse caminho na própria dança. “A arte existe para que possamos nos expressar” (STRAZZACAPPA, 2001.p. 40). Este campo onde encontra-se a dança (Arte, Educação Física) abre um debate de disputa

de pertencimento. Segundo Fux (1983), a dança não é um conteúdo apenas da Educação Física, a mesma pode ser trabalhada em concomitância com outras disciplinas escolares, de formas variadas, interdisciplinares, assim, contribuindo para um conhecimento mais amplo desse conteúdo. A dança como conteúdo escolar, poderá contribuir com mudanças significativas, na formação do ser humano, ampliando a percepção corporal, expressiva e transformando a percepção da própria vida. O trabalho com a dança na Educação Física escolar poderá ser inserido de forma gradual e em parcerias com outros professores, aumentando assim a possibilidade de alcance de um maior número de crianças com potência e possibilidades mais expressivas no processo de formação do estudante.

O que está em discussão é o processo de formação fundamental do aluno de desenvolver e ampliar possibilidades de movimento, expressivas e criativas, muitas vezes, negligenciadas e silenciadas pela própria estrutura social e educacional. Em relação aos conteúdos da Educação Física, encontramos referências aos mesmos nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's, conforme o trecho a seguir.

O trabalho de Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental é importante, pois possibilita aos alunos terem, desde cedo, a oportunidade de desenvolver habilidades corporais e de participar de atividades culturais, como jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças, com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções (BRASIL, 1997, p. 15).

Então, diante da discussão apresentada, sobre inserção da dança nas aulas de Educação Física, quanto antes for ensinada (principalmente nas séries iniciais), maior será a gama de movimentos e aprendizados que a mesma pode proporcionar aos estudantes, não sendo esquecida, posteriormente, como podemos observar, frequentemente, no ensino médio.

Uma visão apresentada por Strazzcappa (2001) é de que o ensinamento da dança coloca ao professor a possibilidade de se tornar artista e professor ao mesmo tempo. Pois, muitas vezes o ensino da dança passa pela oralidade em que no processo de formação o professor se torna o artista e vice-versa.

Sabemos que a dança é uma das artes de tradição oral. Ela é transmitida por aqueles que a praticam de forma quase automática. As pessoas aprendem a dançar observando e imitando. O aluno/criança vê e reproduz aquilo que o professor/adulto faz. A figura do professor confunde com o próprio artista. A transmissão se dá no fazer (STRAZZCAPPA, 2001, p. 45).

A transmissão que se dá no fazer é uma expressão, material/objetiva, do processo de construção do ensino da dança. Hoje, um dos problemas que a dança enfrenta, para sua realização dentro do âmbito escolar, é o fato dos espaços nem sempre estarem adequados à vivência, com a estrutura necessária que possibilite trabalhar o conteúdo. Porém, apesar das adversidades encontradas, o professor de Educação Física deve se colocar em um local crítico que faça-o construir adequações e alterações para que possa desenvolver esse conteúdo em suas aulas. Para isso Kleinubing (2009) nos afirma que a escola deve adaptar e ampliar espaços para a realização de outros conteúdos e discussões gerando maior conhecimento e aproveitamento dos alunos para novos saberes. Analisando assim, a Educação Física deve ser entendida como matéria curricular que seja baseada na amplitude de conteúdos pertencentes a esse campo de conhecimento, gerando alunos mais críticos e com maior aceitação e respeito perante outras manifestações da cultura de movimento, ocasionando trocas de experiências entre professor - aluno e também entre alunos.

Em outro estudo Saraiva-Kunz (2003), nos problematiza uma questão importante de disputa da dança entre as disciplinas de Educação Física e Artes:

Essas formas de pensar qual o profissional que ministraria a dança na escola são indicações do fenômeno social complexo que é a dança, provavelmente o mais complexo dentro da área artística e das culturas de movimento e que, especificamente nesse segundo aspecto, já tem uma tradição na discussão teórica entre pelo menos duas áreas de conhecimento: a dança e a Educação Física. Sua complexidade reside basicamente na integração entre competência física que ela exige e sua competência expressiva, já que como arte, deve atender à essa segunda função (p. 350).

Existe um problema recorrente dentro do campo da Educação Física que se reflete, concretamente, no processo do ensino da dança, que está ligado, diretamente à formação teórico-prática na falta de especialização que coloque a dança como um objetivo. A história da formação do “professor de dança” como profissão, tem seu pilar no próprio desenvolvimento histórico da humanidade. Essa questão pode ser percebida até dentro do contexto da divisão de classes. Para Strazzcappa (2001) isso pode ser percebido tanto no tempo da monarquia, quanto em manifestações populares - mais horizontalizadas - e mais elitizadas quando há interesses da elite sobre a dança.

O nascimento da profissão ‘professor de dança’ estava relacionado com a dança clássica da corte, com os costumes da época e com a dança profissional. Nas demais manifestações dançadas, sobretudo populares, a

função do professor de dança continua dispensável. Com o aumento do interesse das classes dominantes por estas danças, a codificação surge como resposta e aparece a figura do professor. Assim, o que estava no princípio ligado às formas de danças codificadas - aquelas que apresentam passos definidos, formas precisas de execução na música e no espaço - invade um novo terreno, o das danças populares, até então aprendidas segundo o padrão oral: observação/reprodução (STRAZZCAPPÀ, 2001.p. 46).

As questões históricas levantadas por Strazzcappa nos levam a pensar e questionar, assim como a mesma coloca em seu texto, quem são os professores de hoje? Estariam, hoje, estes professores ligados apenas ao ensino codificado de dança? (STRAZZCAPPÀ, 2001) Estas questões nos colocam a refletir o papel que este mesmo educador ocupa no processo de educação. De forma alguma estamos afirmando que a dança codificada não tenha seu valor, mas no processo histórico a mesma é resultado de um processo de elitização e “ordem” no próprio ensino da dança. Seria esta mesma “ordem” que limita o ensino de dança a gestos técnicos, a reproduções de passos bem ensaiados, valorizando pouco a expressividade do gesto na dança, sua significação e criação a partir de um tema? O problema apontado pelos professores, que se encontram nas escolas, tem relação com a insuficiência da formação e a argumentação de não implementação da dança no processo educativo - tanto de Educação Física ou Artes - pois os professores dessas áreas sentem-se inseguros, não estando devidamente capacitados para a realização de aulas, afinal, durante a graduação poucas disciplinas abordam esse conteúdo. (BRASILEIRO, 2008 p. 25).

Estudos realizados por Brasileiro (2008) e Saraiva-Kunz (2003) afirmam que, apesar do intuito da dança estar inserida na escola de forma interdisciplinar, é a Educação Física que acaba tendo maior responsabilidade de abraçamento, de oferecer vivências dentro da escola. O resultado, acadêmico, desta questão é que é da educação física o maior arsenal de pesquisa sobre o tema. A grande questão colocada é a resposta à uma pergunta complexa: qual o papel da dança na escola? Segundo Rosa Helena Mendonça (2012) a resposta não é simples, mas a busca por este objetivo nos faz refletir, profundamente, sobre o papel e o lugar da arte com suas múltiplas possibilidades e linguagens na escola.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As falas apresentadas nesse capítulo são dos professores que responderam ao questionário desta pesquisa. A partir das mesmas foram realizadas reflexões sobre o tema dança na escola. Nesse trabalho optamos por questioná-los sobre seus desafios, suas percepções e as possibilidades do ensino da dança, pois, desenvolver a discussão sobre dança na educação não é, de forma alguma, um caminho e um processo fácil, mas essencial ao desenvolvimento desse conhecimento.

Conforme os objetivos dessa pesquisa e as respostas dos professores ao questionário, foram elaborados os pontos significativos a seguir, a partir dos quais busquei desenvolver algumas reflexões.

3.1 Limites do ensino da dança

Em relação aos limites foi apontado inicialmente os poucos recursos e materiais disponíveis nas escolas, como podemos observar na fala a seguir.

As escolas públicas, no geral, possuem poucos investimentos, tanto no aspecto arquitetônicos, como materiais pedagógicos. Assim nós professores de Educação Física sempre temos que dar nossas aulas com materiais precários ou comprados do nosso bolso. Para se trabalhar o conteúdo dança eu utilizo minha caixa de som particular, comprada com meu salário, pois as escolas geralmente possuem só uma caixa de som para a escola toda. (Professor 4)

A resposta acima nos leva a refletir, primeiramente, sobre os limites estruturais que influenciam o processo educacional. A estrutura escolar, principalmente das escolas públicas, nosso maior enfoque, muitas vezes precárias, atrapalham o processo de ensino com qualidade aos alunos. Essa precariedade coloca, sob o processo educacional, limites e barreiras que precisam ser superadas pelo professor. Como citado pelo professor 4, muitas vezes essas barreiras são superadas pelo professor usando de seus materiais próprios, como caixa de som, ou muitas vezes pagando, do próprio bolso, equipamentos de infraestrutura para que a aula ocorra da melhor forma possível.

As indicações para que a dança faça parte da vida escolar, como uma ferramenta que compõem o processo educacional do aluno, esbarra em limitações. Brasileiro (2003) afirma que, por exemplo, essas limitações apresentam-se para todas as áreas. A Educação Física, por

exemplo, muitas vezes se vê diante de escolas sem quadras, com pátios pequenos, sem espaço para qualquer tipo de atividade. Da mesma forma acontece em relação à dança, pois os espaços são limitados e além disso, a dança acaba sendo limitada à ideia de que para fazê-la, há a necessidade de um espaço ideal. Aquele que vem em nosso imaginário com salas espaçosas, espelhos, barras fixadas nas paredes, etc.

No que se refere à questão estrutural, quando pensamos dança, automaticamente, imaginamos uma sala ampla, com piso liso e espelhos para todos os lados, e acompanhada de som de qualidade - da mesma forma que, tratando-se de esportes, pensamos em quadras sem buracos, com cobertura e demarcação de todas as modalidades esportivas. Essa, sem sombra de dúvidas, não é a realidade das escolas públicas estaduais. O interessante, porém, é que, apesar da estrutura indesejada das quadras, continuamos a tratar o conteúdo esportivo, com suas limitações, é claro (...). É importante reconhecer ainda que, em muitas escolas, nem quadra existe, ficando aulas restritas a espaços como pátio, ruas ou praças. Podemos, portanto, perguntar: Não é mais fácil conseguir uma sala do que uma quadra desde que a estrutura da sala seja menos exigente do que a quadra? E por que não ampliamos nossa estrutura física para além da quadra, com sala de dança e ginástica? (...) o espaço físico/arquitetônico das escolas é estruturado com base nas proposições pedagógicas; logo, faz-se necessária uma reflexão ampliada da escola e, especificamente, da Educação Física, a fim de dimensionar esse espaço (BRASILEIRO, 2003. p. 48-9).

O espaço físico da escola é pensado de acordo com aquilo que o corpo pedagógico pensa como parte do ensino, isso reflete na estrutura arquitetônica.

Outro aspecto mencionado pelos professores é sobre a relação da dança com as datas comemorativas na escola, assim nas festas promovidas pela escola, geralmente o/a professor/a responsável por essa parte na escola é o/a professor/a de Educação Física ou de artes. Esse/e cria ou repete a mesma coreografia, intervindo de modo a “ensinar os passos certos”, ano após ano, em festas e datas comemorativas. A esse respeito Fiamoncini (2003) diz que,

em situação assim seria melhor que os adultos (professores) intervissem menos, pois podemos lembrar de ocasiões em que os próprios alunos se dispuseram a criar um trabalho artístico para ser apresentado e se saíram

muito bem. Não quero dizer que com isso devemos transferir esta tarefa aos alunos e esquecer o papel do professor e o compromisso deste (...) lembrando também que autonomia deve permear toda a educação. Porém isso não significa abandonar os alunos à própria sorte (p. 21).

Nesse sentido o professor 4 diz que:

O tema dança nas escolas é sempre lembrado apenas nos meses de maio e junho, devido às apresentações juninas com dança. Porém é preciso pensar a dança como um conteúdo de disciplina, e não apenas uma simples apresentação. É preciso mostrar a história da dança, seus estilos de dança, os tipos de coreografias.

Nesse contexto, podemos observar esta questão nas escolas que ainda é a tradição das festas juninas onde, muitas vezes, o country americanizado substitui o próprio forró, xaxado, xote entre outros. Neste caso, a escola, em detrimento de um processo de construção que proporcione uma expressão corporal, acaba trazendo danças da moda, como um entretenimento, reforçando padrões, preconceitos e a não reflexão e crítica.

Para Fiamoncini (2003) muitas vezes, o corpo dirigente da escola está mais preocupado com o resultado final da dança, com a apresentação aos pais dos trabalhos feitos na escola. Mas, desta forma, a dança torna-se esporádica, limitada às datas festivas e, principalmente, a conceitos estéticos mercadológicos. Estes conceitos reforçam padrões de movimentos, de certos estilos de dança, danças da moda e favorecem a cópia e reprodução de movimentos e danças já existentes. Para Fiamoncini (2003, p. 23), “importa tanto o processo quanto a realização alcançada”, ou seja, o processo pedagógico vivenciado em aulas é tão importante quanto a coreografia elaborada ao final. A dança, como manifestação artística, tem em sua composição a importância dos processos para sua formação. É durante o processo que se desenvolve a compreensão do corpo, o corpo como extensão da sua expressão. Pela importância que tem o processo de criação que se desenvolve no processo artístico, no dançar, que o professor precisa entender que além de aptidões físicas - nesse caso comparado a um padrão que temos do tipo físico ideal para dança - está a importância do aluno se superar a cada passo, criar, também a sua forma de dançar, suas expressões.

A grande questão do desenvolvimento de nossa discussão se dá, minimamente, para uma observação crítica do espaço escolar como um potencial para o ensino da arte, do ensino

de pluralidade, da perspectiva crítica e reflexiva. Neste quesito a dança, não é um mero detalhe, pois abre a perspectiva da possibilidade de uma expressão não verbal, uma linguagem que, inclusive, nos coloca a questionar a liberdade de nosso corpo. Ao observamos as várias formas de opressão que nos submetemos, diariamente, quase todas elas têm como alvo, em primeiro ponto, o corpo. É assim que podemos nossas crianças de dançarem, de brincarem livremente, de se permitirem para além dos padrões que criamos. Strazzcappa (2001) afirma que nenhuma criança nasce preconceituosa, ele se forma socialmente através do conceito que os adultos colocam. É no combate desta construção, na ideia de ampliar os conceitos do mundo que o professor de dança, nas escolas, detém um papel fundamental.

Diante de dificuldades e limitações apontadas, tem sido necessário reafirmar a dança enquanto conteúdo da Educação Física para que a mesma esteja presente na trajetória escolar, contribuindo assim na formação dos alunos.

3.2 Possibilidades do ensino da dança

Em relação às possibilidades do ensino da dança na escola, serão abordadas abaixo algumas reflexões com base nas respostas dos professores sobre esse aspecto.

O professor 2 disse:

Estou trabalhando break dance e as questões sociais envolvidas. As aulas vão desde roda de break à análise das letras e figuras. O ensino médio é norteado por OPA's - apostilas com conteúdo - e a dança está presente no segundo ano.

A dança enquanto conteúdo programático da formação do estudante pode nos levar até a reflexões sociais que permitem, inclusive, adentrar o mundo do próprio estudante, como vemos no exemplo do professor 2. O trabalho com o *break dance* além de permitir reflexões de situações sociais, de linguagens dos próprios passos que desenvolvem a percepção do próprio mundo urbano e das contradições sociais deste mundo, dá ao aluno um outro significado sobre a própria aula que está sendo ali vivenciada. As apostilas citadas pelo professor, parecem trazer uma discussão conceitual, que permite abordar a dança como uma possibilidade, para entender processos históricos, sociais e a dança como um campo que produz seus próprios significados, suas reflexões sobre o mundo. O acesso às letras que o professor 2 menciona, conjuntamente com as apostilas que norteiam, tanto tecnicamente,

quanto a própria discussão tratada, aponta a dança como parte do saber que compõe a formação do estudante.

Assim, além de uma discussão escolar/pedagógica deparamo-nos com uma discussão de fundo social. A dança apresentada e defendida por Strazzcappa (2001), é a dança capaz de nos fazer refletir sobre nós mesmos; que nos permita a reflexão sobre expressões, linguagens e a construção de um mundo mais amplo, pois nossa vivência estética é, segundo Brasileiro (2003), diária e, o seu processo de interpretação também. Vivemos esses conceitos socialmente e, no caso da dança como parte do processo educacional, seria mais uma ferramenta capaz de auxiliar no processo interpretativo destes conceitos estéticos, logo, do mundo. Mas para compreendermos tal capacidade interpretativa da dança, é preciso entendermos que a mesma detém conhecimento próprio e uma linguagem expressiva exclusiva. Ou seja, a dança produz sua própria expressão e interpretação do mundo, produz ciência e um olhar sobre os diferentes processos que vivemos (BRASILEIRO, 2003).

O mais importante para o professor ter como premissa não é capacidade do aluno ser um bom dançarino ou de criar as mais complexas ou bonitas coreografias (Strazzcappa 2001) o que mais nos interessa nesta discussão é a capacidade do professor entender que o principal, na dança, são os múltiplos elementos de linguagem que a mesma apresenta. Essa compreensão, da forma como entender a dança com sua própria linguagem, é importante como ponto fundamental para a formação escolar. Nos questionários que apresentamos, em seu conjunto, percebe-se a pouca compreensão do papel da dança, como tal.

Um aspecto que também foi mencionado por alguns professores diz respeito a importância da formação em dança e da disposição do professor em fazer um bom trabalho, a fala a seguir ilustra este aspecto.

Uma formação na área é o principal. Porém, apesar de eu não ter formação em dança, com um pouco de criatividade e boa vontade, acredito tornar possível. Já dei aulas de atividades rítmicas expressivas em sala de aula pequena e lotada. Com materiais e espaços adequados, as possibilidades são maiores. (Professor 5)

O professor 5, fala da percepção de dimensionar o espaço, de criar, diante das dificuldades estruturais, entende que com boa vontade e disposição dos profissionais pode se encontrar caminhos e possibilidades para o ensino da dança. Esse professor fala também da questão da formação, ponto colocado por grande parte dos professores. Mesmo não sendo preponderante para cumprir o papel que a dança pode ter na escola, a falta de formação

específica em dança, apontada pelos professores como uma dificuldade, pode ser encarada com boa vontade. Pois, os professores podem, por exemplo, convidar alguém para ministrar uma aula ou podem levar os alunos a assistir vídeos de dança (de acesso facilitado no youtube), aulas em academias e escolas de dança, ou ainda assistir apresentações ou espetáculos de dança.

Na sequência, o professor 1 compreende as inúmeras possibilidades que a dança pode ser trabalhada como conteúdo nas escolas. Por sua amplitude, a dança permite com que o professor possa trabalhar diversas áreas de diversas formas.

Ela é um conteúdo muito rico, que pode ser explorado de diversas formas: em roda, em fila, sozinho, em grupo, por meio de jogos, brincadeiras. Promovendo momentos de descontração, aprimoramento, prazer, desenvolvimentos dos aspectos físicos, sociais, afetivos, cognitivos, culturais, desenvolvendo a motivação, a autoestima, entre outros.
(professor 1)

O professor 3 completa essa ideia citando, “*Expressão corporal, estimulada por música/ritmo de forma livre ou coreografada*” (Professor 3)

O professor 3 percebe a possibilidade da dança como um processo interligado com a música, estimulando e permitindo que a coreografia seja criada a partir da expressão de movimento, de forma espontânea. Entender este local da liberdade na dança é essencial para um olhar questionador. O professor que se põem a questionar, transformará sua didática estimuladora à criticidade e criatividade, fundamental na formação do próprio processo educador. Acreditamos que, quem educa é educado ao mesmo tempo, ou seja, é um processo de troca o tempo todo. Nesse contexto de troca, a dança aparece como um processo importante para alimentar tal ação.

3.3 Percepção dos professores sobre a dança

Neste ponto significativo, trabalharemos mais profundamente a percepção dos professores sobre o tema. O que pensam, o que sentem e o que entendem quando o assunto trabalhado é a dança na escola. Colocamos algumas questões a serem respondidas por eles em relação à percepção que tem sobre a dança.

O professor 5 diz que:

A dança (...) utiliza a música para ritimizar ou cadenciar seus movimentos com uma certa estrutura de coreografia, além de ser uma expressão cultural de vários povos passando de geração em geração, de etnias, religião, gêneros e etc., onde movimento e música se completam. Ritmo, movimento e expressão corporal.

Já o professor 2 nos trouxe a seguinte reflexão:

A dança é a arte de movimentar o corpo por meio de um ritmo, expressando seus sentimentos através do corpo. Cada estilo de dança o corpo expressará um sentimento, uma linguagem corporal diferente. A dança pode ser espontânea ou ensaiada. (Professor 2)

Os professores acima reconhecem a dança como uma forma expressiva que pode tanto ser coreografada - ou seja, os passos combinados, copiados e reproduzidos - como, também, formas espontâneas dos próprios alunos com objetivo de expressar seus sentimentos. Esta percepção permite a abertura de uma discussão que perpassa por entender diversas possibilidades que a dança poder ter, também, ao aluno, uma ferramenta expressiva e formadora seja enquanto disciplina, seja enquanto cidadão, seja quanto pessoa. O papel do professor enquanto figura que ensina e, também, mediador no processo da educação encontra na dança um conteúdo de potência, como afirma o professor, para nos levar a entender linguagens corporais diferentes. Os professores mencionam também a presença do ritmo na realização e na expressão corporal dos movimentos. O professor 5 e o professor 2 a reconhecem também enquanto manifestação cultural, sendo que o professor 5 identifica nesse contexto questões de gênero que perpassam a realização da mesma. Sobre esse aspecto Saraiva (2002) aponta que

Desenvolvem-se culturas diferenciadas para cada sexo, de tal modo que acabam impedindo uma aprendizagem intercultural na Educação Física escolar, nas práticas esportiva e nas práticas de lazer generalizadas. São muitas vezes práticas permeadas de preconceitos e imagens estereotipadas sobre o que é e para quem são possíveis, porque em nossa sociedade a corporeidade e o movimento são extremamente impregnados por uma padronização que é orientada em normas de conduta e representações sociais.

Na resposta a seguir a questão cultural é mencionada novamente,

A dança é um movimento prazeroso, cultural e com grandes possibilidades de desenvolver o ritmo e o coletivo. A dança na educação física sempre esteve presente, pois ela tem um aspecto cultural, folclórico e de lazer. Pode ser um conteúdo que possibilita riquíssimas experiências e possibilidades de exploração de movimentos corporais/criatividade e por independer de profundas habilidades, respeitando a individualidade e expressão corporal de cada um. (Professor 1)

Essa fala nos chama a atenção a possibilidade não só dos conceitos culturais, mas a possibilidade da dança, também, como lazer. De certa forma a discussão do lazer nas escolas assume um papel fundamental, principalmente, na perspectiva de uma discussão de uma escola de ensino integral. A percepção da possibilidade da individualidade, trazida pelo professor 1, é de extrema importância, pois ao trabalhar com a dança nessa perspectiva de criação e expressão própria os alunos podem se desenvolver e descobrir novas formas de movimentos na dança a partir das condições e possibilidades pessoais conforme as experiências de vida de cada um. Ou seja, cada aluno, nessa perspectiva pode descobrir o seu jeito de dançar.

Em uma das respostas ao questionário respondido pelos professores é mencionado que muitas vezes há resistência dos próprios colegas e do corpo diretivo em relação a fazer com que o desenvolvimento da dança se torne parte da própria vida da escola, para além dos dias festivos. Podemos observar na maioria das respostas as críticas destinadas à estrutura e ao investimento do poder público na própria escola. De fato, este é um fator importante que, inclusive, reflete-se no próprio estímulo do professor em lecionar, pois, com pouca estrutura, turmas cheias, enfrentamento das próprias barreiras culturais que apresentamos acima, a atividade da dança como conteúdo escolar vai se perdendo. Em todo caso, esta é uma questão que não é secundária no processo de construção da própria escola como um local que ensina e, também, compreende o espaço do outro entendendo que o próprio aluno detém suas linguagens e expressões próprias.

Na fala a seguir, o professor 2 nos relata a reação de alguns alunos sobre a dança na aula de Educação Física. *“Trazer a dança como tema na aula de Educação física é complicado, pois muitos alunos sentem vergonha e acabam não querendo fazer a aula”*. Um dos primeiros problemas que nos deparamos, é que socialmente colocamos um rótulo à dança.

Por expressar sentimentos, conter em alguns momentos, movimentos leves, sensíveis, “rebolados” entre outros, a dança acabou sendo ligada ao feminino. Este processo de ligação gera o que podemos chamar de preconceito e resistência, principalmente dos meninos em relação a estar fazendo aula de dança. Porém, esta figura da dança muda quando a mesma dança contém expressões consideradas viris ou expressões violentas. O que leva, por exemplo, como afirma Strazzcappa (2001), a mudança do nome da disciplina que esconda a palavra “dança” para que possa ser atrativa aos alunos do gênero masculino.

O conteúdo é o mesmo de uma aula de dança, mas o título muda. Logo podemos perceber que o problema não está no tipo de atividade em si, que atrai tanto meninas quanto meninos, mas o título do curso e, sobretudo, no rótulo que será dado àqueles que dele participam (STRAZZCAPPA, 2001, p,50).

Segundo essa mesma autora, a maior parte das escolas que estabelecem a dança como parte do ensino escolar são escolas privadas, mas que não fogem da lógica de estar apenas, ocupando o tempo ocioso dos alunos, pois a dança é oferecida como uma atividade extra, assim como informática, línguas, natação, entre outros. Esta forma acaba estando mais preocupada em dizer aos pais e responsáveis que o filho “produzirá” do que preocupado com a formação em si da criança. Para Strazzcappa (2001), a criança precisa de tempo ocioso para ser criança, ou seja, por mais que nosso objetivo seja a discussão da escola pública, muitas vezes, as escolas privadas “são o modelo a ser seguido” no imaginário social, e desde já esta crítica da autora merece ser levada e conta até para pensarmos a educação pública e a educação em geral. Pois, mesmo as escolas que desenvolvem a dança como possibilidade curricular, ainda acabam reforçando, muitas vezes, preconceitos em relação ao ensino da mesma.

Mas um ponto que merece reflexão: os cursos de inglês, espanhol, natação e computação são abertos a todos os alunos indistintamente, ao passo que a aula de dança é exclusiva para meninas e de judô, exclusiva para meninos. As instituições de ensino que poderiam e deveriam ser propiciadoras de transformações, servir de exemplos para quebrar preconceitos e educar para cidadania acabam, infelizmente, em sua maioria acentuando preconceitos (STRAZZCAPPA, 2001. P. 53).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre educação é sempre um desafio. Isso nos remete a diversos processos, que muitas vezes, vivenciamos quando, também, éramos estudantes, pois, a estrutura escolar continua apresentando vários problemas e limitações, ou seja, o processo de pesquisador, neste caso, nos leva adentrar em um mundo que possa já ter sido vivenciado por nós em algum momento de nossa vida e hoje nos desperta o combustível necessário para nos lançar à pesquisa de campo.

A partir do objetivo geral proposto, compreendemos que existem diversas barreiras e limites referentes à dança como tema para as aulas de Educação Física. Baseado nas respostas dos professores obtidas pelo questionário, percebemos que são inúmeras as questões que direcionam as escolhas dos conteúdos que serão aplicados em aula e que a suas respostas permeavam impasses distintos.

Em relação aos objetivos específicos relacionados nesta pesquisa, pudemos notar que os limites apresentados pelos professores são recorrentes à falta de recursos, de materiais estruturais, e também o fato de limitarem a dança a ser trabalhada apenas em datas comemorativas. Essas barreiras influenciam no seu dia a dia como educador e também no processo educacional, o que acarreta na não inclusão da dança como de fato um conteúdo.

Quanto às possibilidades do ensino da dança apontadas nos questionários identificamos que muitas respostas neste campo eram semelhantes, porém, retratando bem o que pode ser transformado, aparecendo entre elas: pensar na dança e suas inúmeras forma de serem levadas aos alunos, da amplitude que a dança tem em permitir que o professor escolha quais ritmos, estilos que condizem com o seguimento que ele quer dar à sua aula, a liberdade de criar movimentos e coreografias, e a importância do próprio professor em fazer um bom trabalho, levando em conta a boa disposição de ensinar independente da formação específica sobre o tema.

Este processo foi enriquecedor, poder ler os questionários, conversar com alguns dos professores, entender como certas limitações influenciam o seu dia a dia como educador e no processo educacional.

No decorrer deste trabalho, vimo-nos diante de reflexões complexas que, por muitas vezes, misturavam-se com problemas estruturais, individuais, culturais e sociais que são reflexos de um processo de formação. Esta é uma questão que precisa ser desenvolvida e, não temos, de forma alguma, pretensão de achar que esteja resolvida com esta pesquisa. Pelo contrário, a discussão estabelecida até aqui nos mostrou a necessidade de trazer esta discussão, cada dia mais, para a vida cotidiana do corpo da cultura escolar.

REFERÊNCIAS

- BETTI, Irene. C. R. Esporte na escola: mas é só isso professor? **Revista Motriz** – v.1, nº 1, p. 25-31, Junho/1999.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação física** /Secretaria de educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 05 ago. 2018.
- BRASILEIRO, Livia Tenório. O ensino da dança na educação física: formação e intervenção pedagógica em discussão. **Revista Motriz**, Rio claro, v, 14, n. 4, out/dez 2008, p. 519-528.
- FIAMONCINI, Luciana. **DANÇA NA EDUCAÇÃO: a busca de elementos na Arte e na Estética**. 2003. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- FUX, Maria. *Dança, Experiência de vida*. 3º ed. São Paulo: Summus, 1983.
- KLEINUBING, Neusa Dendena. **A dança como espaço-tempo de intersubjetividades: possibilidades da educação física no ensino médio**. Dissertação de mestrado. Florianópolis, UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
- MALLMANN, Maria de Lourdes Cardoso; BARRETO, Sidirley de Jesus. **A dança e seus efeitos no desenvolvimento das inteligências múltiplas da criança**. Instituto Catarinense de Pós-Graduação, Santa Catarina, p. 1-12, 2012.
- MARQUES, Isabel. Linguagem da Dança: arte e ensino. **Salto para o Futuro**, Dança na escola: Arte e Ensino, ano XXII, boletim 2, Abril 2012, p. 16-22.
- MENDONÇA, Rosa Helena. **Salto para o Futuro**, Dança na escola: Arte e Ensino, ano XXII, boletim 2, Abril 2012, p. 3-4.
- PEREIRA, Mariana Lolato; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França. Dança e Educação Física no Brasil: questões polêmicas. **Lecturas: Educacion Fisica y Deportes**, Buenos Aires, p. 1-12, 2006.

PORPINO, Karenine de Oliveira. Dança e currículo. **Salto para o Futuro**, Dança na escola: Arte e Ensino, ano XXII, boletim 2, Abril 2012, p. 9-16.

SANTOS, Ana Paula Maurilia dos; ROSA NETO, Francisco; PIMENTA, Ricardo de Almeida. Avaliação das habilidades motoras de crianças participantes de projetos sociais/esportivos. **Motricidade**, [s.l.], v. 9, n. 2, p. 51-60, 30 jun. 2013. Desafio Singular.

SARAIVA, Maria do Carmo. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da educação física, esporte e lazer? **Motrivivência**, Florianópolis, ano XIII, n.19 dez. 2002.

SARAIVA-KUNZ, Maria do Carmo. **Dança e Gênero na Escola**: formas de ser e viver mediadas pela educação estética. Tese de Doutorado. Lisboa: FMH, Universidade Técnica de Lisboa, 2003.

SILVA, Priscila Elza. **Limites e possibilidades da dança nas aulas de Educação Física**: uma investigação junto aos/às professores/as do Instituto Estadual de Educação/SC. (monografia), Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2003.

STRAZZACAPPA, Márcia. **Dançando na chuva... e no chão de cimento**. In: FERREIRA, Sueli. (Org) O ensino das artes: construindo caminhos. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

APÊNDICE

Questionário

1. Sexo: Feminino () Masculino ()
2. Data de nascimento: ___/___/_____.
3. Quanto tempo está nesta escola?
4. Trabalhou em outras escolas da rede pública? Se sim, quanto tempo?
5. A dança deve ou não ser inserida nas aulas de Educação Física? Por quê?
6. Acredita na Educação Física como um possível espaço para a aula de dança? Por quê?
7. Você sabe se na Educação Física já se trabalhou com a dança? Fale um pouco sobre isso;
8. A escola pública possui estrutura para a inserção da dança nas aulas de Educação Física?
9. O que é necessário para um professor trabalhar com a dança como conteúdo, nas aulas de Educação Física? (formação, materiais, espaços físicos...)
10. Em seu ponto de vista o que influencia a introdução da dança na escola?
11. Quais as dificuldades e/ou possibilidades de se ter a dança como aula de Educação Física na escola pública?
12. Você percebe na dança elementos educativos? Quais?
13. Quais os benefícios que você avalia da dança para a educação humana?
14. Quais conhecimentos uma aula de dança pode proporcionar aos alunos? (independente do estilo).
15. Qual a sua concepção de dança?